

BONS PROJETOS E BOAS INTENÇÕES

* Roberto Rodrigues

No finalzinho de fevereiro tive a oportunidade de participar da abertura do Global Seed Vault, um projeto muito interessante localizado em Svalbard, Noruega, já no Círculo Polar Ártico. Iniciada há um ano, o objetivo desta “Arca de Noé” de sementes é guardar, em temperatura controlada, sementes das plantas alimentares do mundo todo, com o objetivo de garantir a preservação da biodiversidade. Bancado por um fundo internacional em parceria com o governo da Noruega, o notável projeto aspira a ser um banco de germoplasma mundial à disposição da humanidade, para o caso de catástrofes de quaisquer naturezas destruírem o que existe nas diferentes regiões do planeta.

Depois de um ano de atividades, a direção do Vault e o governo da Noruega levaram algumas pessoas a visitarem o projeto, aproveitando a ocasião para realizar um seminário sobre diversidade. Gente respeitável tratou do tema com visão científica e preocupação com a sustentabilidade da produção agrícola mundial.

Tenho participado de eventos similares em vários países, e, ao mesmo tempo em que admiro projetos desta magnitude e a capacidade de realizá-los através de ações coordenadas entre os setores público e privado de diferentes regiões, preocupa-me um tema que, não explicitado, aparece meio “sombreado” em algumas discussões primeiro-mundistas.

Vou exagerar nas cores para mostrar esta preocupação.

Os países ricos esperam que os agricultores de todos os quadrantes produzam mais alimentos, fibras e energia por hectare, mais baratos e sustentavelmente.

Mas gostariam que tudo isto fosse feito com menos fertilizantes químicos, menos defensivos, usando pouca água, sem transgênicos, reduzindo as emissões de CO₂ pelas máquinas agrícolas, sem ocupar mais terra...

E desejam que se realize mantido o protecionismo, com insuficientes recursos destinados à pesquisa e à tecnologia, sem coordenação entre os países na direção de políticas consistentes a favor da produção e enfrentando o preconceito de boa parte da sociedade urbana e da academia em relação a este setor.

Descontado o exagero, é claro que a equação não fecha: sem renda, a produção não aumentará.

Em Svalbard, onde há um projeto concreto e exitoso resultante de coordenação de esforços, o seminário concluiu pela necessidade de que os formuladores de políticas a favor da produção sustentável precisam sair da sua inércia institucional e, com transparência, promover mudanças que permitam a preservação da biodiversidade sem afetar o crescimento da oferta agrícola global. E recomendam que isso se faça através da maciça informação dessas questões à opinião pública em geral, e do diálogo construtivo entre o público e o privado, internacionalmente.

Está tudo muito bem.

Os modernos discursos de Gordon Brown e mesmo do presidente Barack Obama apontam para a busca de uma economia verde. Propõem que a crise sirva como alavanca para um novo modelo de desenvolvimento baseado na real sustentabilidade em suas 3 vertentes: econômica, social e ambiental. Isto é correto e devemos todos, particularmente os produtores rurais, embarcar nesta canoa. Mas sem radicalismo: com bom senso, equilíbrio e inteligência será possível fazê-lo, mantendo o lucro na atividade produtiva, motor de qualquer programa de desenvolvimento.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**